

EDIÇÃO STANDARD BRASILEIRA
DAS OBRAS PSICOLÓGICAS COMPLETAS DE

SIGMUND FREUD

Com os Comentários e Notas de James Strachey

Em colaboração com

ANNA FREUD

Assistido por

ALIX STRACHEY e ALAN TYSON

VOLUME XXI

(1927-1931)

O FUTURO DE UMA ILUSÃO

O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO

e

OUTROS TRABALHOS

Traduzido do Alemão e do Inglês, sob a Direção-Geral de

JAYME SALOMÃO

Membro-Associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro. Membro da Associação Psiquiátrica do Rio de Janeiro. Membro da Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo do Rio de Janeiro.

Tradução de

JOSÉ OCTÁVIO DE AGUIAR ABREU

Revisão Técnica de

WALDEREDO ISMAEL DE OLIVEIRA

Professor-adjunto do Instituto de Psiquiatria da U.F.R.J. Analista-didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro.

IMAGO EDITORA LTDA.

Rio de Janeiro

**BIBLIOTECA
DO IEPP**

0,75

FETICHISMO

Nos últimos anos tive oportunidade de estudar analiticamente certo número de homens cuja escolha objetal era dominada por um fetiche. Não é preciso esperar que essas pessoas venham à análise por causa de seu fetiche, pois, embora sem dúvida ele seja reconhecido por seus adeptos como uma anormalidade, raramente é sentido por eles como o sintoma de uma doença que se faça acompanhar por sofrimento. Via de regra, mostram-se inteiramente satisfeitos com ele, ou até mesmo louvam o modo pelo qual lhes facilita a vida erótica. Via de regra, portanto, o fetiche aparece na análise como uma descoberta subsidiária.

Por motivos evidentes, os pormenores desses casos não podem ser publicados; não posso, portanto, mostrar de que maneira as circunstâncias accidentais contribuíram para a escolha de um fetiche. O caso mais extraordinário pareceu-me ser aquele em que um jovem alçou certo tipo de 'brilho do nariz' a uma pré-condição fetichista. A explicação surpreendente para isso era a de que o paciente fora criado na Inglaterra, vindo posteriormente para a Alemanha, onde esquecera sua língua materna quase completamente. O fetiche, originado de sua primeira infância, tinha de ser entendido em inglês, não em alemão. O 'brilho do nariz' [em alemão, '*Glanz auf der Nase*'] era na realidade um 'vislumbre (*glance*) do nariz'. O nariz constituía assim o fetiche, que, incidentalmente, ele dotara, à sua vontade, do brilho luminoso que não era perceptível a outros.

Em todos os casos, o significado e o propósito do fetiche demonstraram, na análise, serem os mesmos. Ele se revelou de modo tão natural e me pareceu tão compelativo que me sinto preparado para esperar a mesma solução em todos os casos de fetichismo. Ao enunciar agora que o fetiche é um substituto para o pênis, decerto criarei um desapontamento, de maneira que me apresso a acrescentar que não é um substituto para qualquer pênis ocasional, e sim para um pênis específico e muito especial, que foi extremamente importante na primeira infância, mas posteriormente perdido. Isso equivale a dizer que normalmente deveria ter sido abandonado; o fetiche, porém, se destina exatamente a preservá-lo da extinção. Para expressá-lo de modo

mais simples: o fetiche é um substituto do pênis da mulher (da mãe) em que o menininho outrora acreditou e que — por razões que nos são familiares — não deseja abandonar.¹

O que sucedeu, portanto, foi que o menino se recusou a tomar conhecimento do fato de ter percebido que a mulher não tem pênis. Não, isso não podia ser verdade, pois, se uma mulher tinha sido castrada, então sua própria posse de um pênis estava em perigo, e contra isso ergueu-se em revolta a parte de seu narcisismo que a Natureza, como precaução, vinculou a esse órgão específico. Na vida posterior, um homem adulto talvez possa experimentar um pânico semelhante, quando se eleva o clamor de que o Trono e o Altar correm perigo e conseqüências ilógicas semelhantes decorrerão disso. Se não estou equivocado, Laforgue, nesse caso, diria que o menino 'escotomiza' sua percepção da falta de pênis da mulher.² Um termo técnico novo se justifica quando descreve um fato novo ou lhe dá ênfase. Nesse caso, não é assim. A mais antiga palavra de nossa terminologia psicanalítica, 'repressão', já se relaciona com esse processo patológico. Se quisermos diferenciar mais nitidamente a vicissitude da *idéia* como distinta daquela do *afeto*³, e reservar a palavra '*Verdrängung*' ['repressão'] para o afeto, então a palavra alemã correta para a vicissitude da *idéia* seria '*Verleugnung*' ['rejeição'].⁴ 'Escotomização' parece-me particularmen-

¹ Essa interpretação já fora efetuada em 1910, em meu estudo sobre Leonardo da Vinci, sem que quaisquer razões fossem dadas para ela. [Edição *Standard Brasileira*, Vol. XI, págs. 88-89, IMAGO Editora, 1970. Cf. Nota do Editor Inglês, acima, pág. 176.]

² Corrijo-me, entretanto, acrescentando que tenho os melhores motivos para imaginar que Laforgue não diria nada desse tipo. Partindo de suas próprias observações é evidente [Laforgue, 1926] que 'escotomização' é um termo que deriva das descrições da demência precoce, não se origina de uma transposição de conceitos psicanalíticos para as psicoses e não possui aplicação a processos de desenvolvimento ou à formação das neuroses. Em sua exposição, no texto de seu artigo, o autor esforçou-se por tornar clara essa incompatibilidade.

³ [Cf. 'Repressão' (1915d), Edição *Standard Brasileira*, Vol. XIV, pág. 176 e seg., IMAGO Editora, 1974, e o Apêndice ao primeiro artigo sobre as neuropsicoses de defesa (1894a).]

⁴ [Um exame do emprego desse termo por Freud e de sua versão inglesa aparece em nota de rodapé do Editor Inglês ao artigo sobre 'The Infantile Genital Organization' (1923e), *Standard Ed.*, 19, 143. Pode-se

te inapropriada, por sugerir que a percepção é inteiramente apagada, de maneira que o resultado é o mesmo que sucede quando uma impressão visual incide sobre o ponto cego da retina. Na situação que estamos considerando, pelo contrário, vemos que a percepção continuou e que uma ação muito enérgica foi empreendida para manter a rejeição. Não é verdade que, depois que a criança fez sua observação da mulher, tenha conservado inalterada sua crença de que as mulheres possuem um falo. Reteve essa crença, mas também a abandonou. No conflito entre o peso da percepção desagradável e a força de seu contradesejo, chegou-se a um compromisso, tal como só é possível sob o domínio das leis inconscientes do pensamento — os processos primários. Sim, em sua mente a mulher *teve* um pênis, a despeito de tudo, mas esse pênis não é mais o mesmo de antes. Outra coisa tomou seu lugar, foi indicada como seu substituto, por assim dizer, e herda agora o interesse anteriormente dirigido a seu predecessor. Mas esse interesse sofre também um aumento extraordinário, pois o horror da castração ergueu um monumento a si próprio na criação desse substituto. Ademais, uma aversão, que nunca se acha ausente em feticheista algum, aos órgãos genitais femininos reais, permanece um *stigma indelebile* da repressão que se efetuou. Podemos perceber agora aquilo que o fetiche consegue e aquilo que o mantém. Permanece um indicio do triunfo sobre a ameaça de castração e uma proteção contra ela. Também salva o feticheista de se tornar homossexual, dotando as mulheres da característica que as torna toleráveis como objetos sexuais. Na vida posterior, o feticheista sente desfrutar de ainda outra vantagem de seu substituto de um órgão genital. O significado do fetiche não é conhecido por outras pessoas, de modo que não é retirado do feticheista; é facilmente acessível e pode prontamente conseguir a satisfação sexual ligada a ele. Aquilo pelo qual os outros homens têm de implorar e se esforçar pode ser tido pelo feticheista sem qualquer dificuldade.

Provavelmente a nenhum indivíduo humano do sexo masculino é poupado o susto da castração à vista de um órgão ge-

observar que, no Capítulo VIII de *Esboço de Psicanálise* (1940a [1938]), Freud estabelece uma distinção diferente entre os empregos das duas palavras: 'repressão' aplica-se à defesa contra exigências instintuais internas; 'rejeição', à defesa contra as reivindicações da realidade externa.]

nital feminino. Por que algumas pessoas se tornam homossexuais em consequência dessa impressão, ao passo que outras a desviam pela criação de um fetiche, e a grande maioria a supera, francamente não somos capazes de explicar. É possível que, entre todos os fatores em ação, ainda não conheçamos os decisivos para os raros resultados patológicos. Temos de nos contentar se pudermos explicar o que aconteceu, e deixar atualmente de lado a tarefa de explicar por que algo *não* aconteceu.

Esperar-se-ia que os órgãos ou objetos escolhidos como substitutos para o falo ausente da mulher fossem tais, que aparecessem como símbolos do pênis também sob outros aspectos. Isso pode acontecer com bastante frequência, mas certamente não constitui fator decisivo. Antes, parece que, quando o fetiche é instituído, ocorre certo processo que faz lembrar a interrupção da memória na amnésia traumática. Como nesse último caso, o interesse do indivíduo se interrompe a meio caminho, por assim dizer; é como se a última impressão antes da estranha e traumática fosse retida como fetiche. Assim, o pé ou o sapato devem sua preferência como fetiche — ou parte dela — à circunstância de o menino inquisitivo espiar os órgãos genitais da mulher a partir de baixo, das pernas para cima¹; peles e veludo — como por longo tempo se suspeitou — constituem uma fixação da visão dos pelos púbicos, que deveria ter sido seguida pela ansiada visão do membro feminino; peças de roupa interior, que tão freqüentemente são escolhidas como fetiche, cristalizam o momento de se despir, o último momento em que a mulher ainda podia ser encarada como fálica. Não sustento, porém, ser invariavelmente possível descobrir com certeza o modo como o fetiche foi determinado.

Uma investigação do fetichismo é calorosamente recomendada a quem quer que ainda duvide da existência do complexo de castração ou que ainda possa acreditar que o susto à vista do órgão genital feminino possua outro fundamento, tal como, por exemplo, que ele derive de uma suposta rememoração do trauma do nascimento.²

Para mim, a explicação do fetichismo possui também outro

¹ [Cf. Nota do Editor Inglês, pág. 176, acima.]

² [Cf. Rank, 1924, 22-4.]

aspecto de interesse teórico. Recentemente, seguindo linhas inteiramente especulativas, cheguei à proposição de que a diferença essencial entre a neurose e a psicose consistia em que, na primeira, o ego, a serviço da realidade, reprime um fragmento do id, ao passo que, na psicose, ele se deixa induzir, pelo id, a se desligar de um fragmento da realidade. Retornei a esse tema mais tarde.¹ Logo depois, porém, tive motivo para lamentar ter-me aventurado tão longe. Na análise de dois jovens aprendi que ambos — um quando tinha dois anos de idade, e o outro, quando contava dez — não haviam conseguido tomar conhecimento da morte do querido pai, haviam-na ‘escotomizado’, e, contudo, nenhum deles desenvolvera uma psicose. Desse modo, um fragmento de realidade, indubitavelmente importante, fora rejeitado pelo ego, tal como o fato desagradável da castração feminina é rejeitado nos fetichistas. Também comeci a suspeitar que ocorrências semelhantes na infância de maneira alguma são raras, e acreditei ter sido culpado de um erro em minha caracterização da neurose e da psicose. É verdade que havia uma saída para a dificuldade. Minha fórmula precisava apenas ser válida onde houvesse um grau mais elevado de diferenciação no aparelho psíquico; seriam permissíveis a uma criança coisas que acarretariam graves prejuízos a um adulto.

Contudo, a pesquisa posterior conduziu-me a outra solução para a contradição. Tornou-se evidente que os dois jovens não haviam ‘escotomizado’ a morte dos pais mais do que um fetichista escotomiza a castração feminina. Fora apenas uma determinada corrente em sua vida mental que não reconhecera a morte daqueles; havia outra corrente que se dava plena conta desse fato. A atitude que se ajustava ao desejo e a atitude que se ajustava à realidade existiam lado a lado. Num de meus dois casos, a divisão constituía a base de uma neurose obsessiva moderadamente grave. Em todas as situações da vida, o paciente oscilava entre duas presunções: uma, de que o pai ainda estava vivo e atrapalhava suas atividades; outra, oposta, de que tinha o direito de se considerar como sucessor do pai. Assim, posso ater-me à expectativa de que, numa psicose, uma daquelas cor-

¹ ‘Neurosis and Psychosis’ (1924b) e ‘The Loss of Reality in Neurosis and Psychosis’ (1924e).

rentes — a que se ajustava à realidade — esteja realmente ausente.

Retornando à minha descrição do fetichismo, posso dizer que existem muitas provas adicionais e de peso quanto à atitude dividida dos fetichistas para com o tema da castração feminina. Em casos bastante sutis, tanto a rejeição quanto a afirmação da castração encontram caminho na construção do próprio fetiche. Assim ocorreu no caso de um homem cujo fetiche era um suporte atlético que também podia ser usado como calção de banho. Essa peça cobria inteiramente os órgãos genitais e ocultava a distinção entre eles. A análise mostrou que isso significava que as mulheres eram castradas e que não eram castradas; e isso também permitiu a hipótese de que os homens eram castrados, porque todas essas possibilidades podiam ser igualmente bem ocultas sob o suporte — cujo primeiro rudimento, em sua infância, fora a folha de parreira de uma estátua. Um fetiche desse tipo, duplamente derivado de idéias contrárias, é, naturalmente, especialmente durável. Em outros casos, a atitude dividida se mostra naquilo que o fetichista faz com o fetiche, seja em realidade ou em sua imaginação. Assinalar que ele o reverencia não é tudo; em muitos casos, trata-o de maneira obviamente equivalente a uma representação da castração. Isso acontece particularmente, caso ele tenha desenvolvido uma forte identificação com o pai e desempenha o papel deste último, pois foi a este que, em criança, atribuiu a castração da mulher. A afeição e a hostilidade no tratamento do fetiche — que correm paralelas com a rejeição e o reconhecimento da castração — estão mescladas em proporções desiguais em casos diferentes, de maneira a que uma ou outra seja mais facilmente identificável. Parece aqui aproximar-nos de uma compreensão, ainda que remota, do comportamento do *'coupeur de nattes'*.¹ Nele, a necessidade de executar a castração, que ele mesmo rejeita, veio para o primeiro plano. Sua ação contém em si própria as duas asserções mutuamente incompatíveis: 'a mulher ainda tem um pênis' e 'meu pai castrou a mulher'. Outra variante, que

¹ [Um perverso que extrai prazer do corte de cabelos femininos. Parte da presente explicação foi dada por Freud em seu estudo de Leonardo (1910c) Edição *Standard Brasileira*, Vol. XI, págs. 88-89, IMAGO Editora, 1970.] (Literalmente, *cortador de tranças* — N. do T. Bras.)

também constitui um paralelo ao fetichismo na psicologia social, poderia ser encontrada no costume chinês de mutilar o pé feminino e, depois disso, reverenciá-lo como um fetiche. Parece algo como se o homem chinês quisesse agradecer à mulher por se ter submetido a ser castrada.

Em conclusão, podemos dizer que o protótipo normal dos fetiches é um pênis de homem, assim como o protótipo normal de órgãos inferiores é o pequeno pênis real de uma mulher, o clitóris.¹

¹ [Alusão à insistência de Adler na 'inferioridade de órgão' como fundamento de todas as neuroses. Cf. nota de rodapé ao artigo sobre 'Some Psychical Consequences of the Anatomical Distinction between the Sexes' (1925)], *Standard Ed.*, 19, 253-4, e um estudo mais longo na Conferência XXXI das *New Introductory Lectures* (1933a).]